

**ALÉM DE “MUITO ALÉM DO CIDADÃO KANE”:  
Entrevista<sup>1</sup> com John Ellis<sup>2</sup>**

**“BEYOND CITIZEN KANE” AND BEYOND:  
Interview with John Ellis**

O documentário televisivo “Muito Além do Cidadão Kane” foi exibido em 1993 pela emissora britânica Channel 4. Voltando-se para a figura do magnata Roberto Marinho e abordando o poder e a dominação que a Rede Globo exerce na sociedade e mídia brasileiras, o documentário nunca foi exibido na televisão deste país. Treze anos depois, em um momento de crise política e em que a discussão sobre as relações entre mídia e poder ainda se mostra muito relevante, a obra não parece datada. John Ellis atuou como co-produtor do filme e, junto com Simon Hartog, diretor que faleceu antes da exibição de “Muito Além do Cidadão Kane”, foi sócio da Produtora *Large Door*. Atualmente, John Ellis é professor no Departamento de *Media Arts* da *Royal Holloway University of London*. Nesta entrevista, concedida em seu escritório no centro de Londres, o professor John Ellis conta um pouco dos bastidores deste filme que é um sucesso entre aqueles que examinam o papel da Globo na história da mídia brasileira com um olhar mais crítico. Entre outros assuntos, ele também nos revela como foi a atuação da mídia britânica durante a cobertura do referendo no qual ficou decidido que o Reino Unido sairia da União Europeia (*Brexit*). Por fim, nos explica sobre seu projeto atual de pesquisa, batizado com a sigla ADAPT (*The Adoption of New Technological Arrays in the Production of Broadcast*), que pode ser descrito como uma “história com a mão na massa” das tecnologias de TV. Assim, sempre entrelaçadas, seguem as trajetórias de

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Andrea Medrado, Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense com a participação de Renata Souza, doutoranda da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – [andreamedrado@id.uff.br](mailto:andreamedrado@id.uff.br); [renatasouza.uffrj@gmail.com](mailto:renatasouza.uffrj@gmail.com); [acabral@comunicacao.pro.br](mailto:acabral@comunicacao.pro.br)

<sup>2</sup> Professor do Departamento *Media Arts* da *Royal Holloway University of London*. Investigador principal do Projeto de Pesquisa ADAPT (2013-2018). Autor de diversos livros e artigos, entre eles “Documentary, Witness and Self Revelation”, “Seeing Things” and “Visible Fictions” – [john.ellis@rhul.ac.uk](mailto:john.ellis@rhul.ac.uk)

produtor e pesquisador do Professor John Ellis. Assim, também sempre entrelaçadas, são as relações entre tecnologia, mídia e poder.

Palavras-chave: John Ellis; Muito Além do Cidadão Kane; Rede Globo; tecnologia, história da mídia.

The television documentary “Beyond Citizen Kane” was shown for the first time in 1993 by the British broadcaster Channel 4. The documentary, which focused on the media mogul Roberto Marinho and addressed the Globo Network’s domination and power in Brazilian society, has never been aired on Brazilian television. Thirteen years later, as Brazil is currently experiencing a political crisis, and as the debates about the relationships between media and power continue to be extremely relevant, the documentary proves timely. John Ellis worked as a producer in *Beyond Citizen Kane*. Simon Hartog, the film’s director who passed away before it was shown, was his partner in the Production Company Large Door. Today, John Ellis is a Professor at the Media Arts Department of Royal Holloway University of London. In this interview, given in his office in Central London, John Ellis speaks about some of the stories about the making of the film, which has been successful amongst those who look at the history of Globo with a critical eye. He also talks about the role played by the British media during the coverage of the Brexit referendum. Finally, John Ellis tells us more about his current research project, *ADAPT (The Adoption of New Technological Arrays in the Production of Broadcast)*, which he describes as a “hands-on history” of TV technologies. For him, TV production and academia have always walked hand in hand. Similarly, technology, media and power have also always walked hand in hand.

Keywords: John Ellis; *Beyond Citizen Kane*; Globo Network; technology; media history.

*RMC – Para iniciar, gostaríamos de saber como surgiu a ideia para o documentário televisivo “Muito Além do Cidadão Kane”?*

*John Ellis – Nós estávamos à frente da Produtora *Large Door*, que foi montada para ser uma produtora que realizava programas sobre cinema. Eu tinha uma sociedade com duas pessoas. Uma dessas pessoas era Simon Hartog, que tinha tido um envolvimento com a produção de cinema radical. Um pouco antes de produzir este filme, ele tinha estado em Moçambique. Ele foi a Moçambique quando o regime pós-colonial estava organizando a produção de filmes, foi uma das pessoas trazidas como um especialista para auxiliar neste processo e foi lá que ele aprendeu português. Simon sempre teve interesse no cinema Latino Americano e ele ficou ainda mais interessado no assunto quando produzimos uma série sobre cinema. Ele então me falou que tinha tido uma boa ideia: fazer um filme sobre cineastas no Brasil. Este projeto era sobre a situação dos cineastas durante o período da ditadura e como diversos cineastas radicais utilizavam a Pornochanchada como um meio de passar uma mensagem política. Então ele fez um filme sobre isso para um programa sobre cinema que nós tínhamos, que se chamava *Visions*. Infelizmente, este programa que era justamente sobre como evitar a censura acabou sendo ele mesmo censurado pela Autoridade Censora da Televisão Britânica (*British Television Censorship Authority*). Eles não gostaram nada dos trechos de Pornochanchada que nós mostramos e nós precisávamos mostrá-los para explicar como as coisas funcionavam, então a gente acabou ficando em um impasse e o filme não pôde ser exibido durante muitos anos. Quando Simon estava no Brasil produzindo este filme, ele testemunhou, em primeira mão, o poder da TV Globo. Ele disse: “bem, nós precisamos fazer um filme sobre esta dominação da cultura popular e das notícias por uma só empresa”, algo que é bastante inigualável. Assim, eventualmente, conseguimos persuadir a emissora Channel 4 a nos dar o financiamento para fazer o filme. Foi Alan Fountain que deu o sinal verde e o filme foi financiado como um documentário, um filme longa metragem. Aí Simon foi para o Brasil e ficou lá por muitos meses para realizar o filme, conheceu muita gente, conseguiu uma imensa cooperação de muitas pessoas que estavam realmente felizes em saber que a história seria contada. As pessoas*

tinham gravações de material, fotografias e muito do material de arquivo que podemos encontrar no programa foi fornecido por pessoas que, eu acho, estavam mantendo a história, mas, na verdade, tinham medo de contar essa história porque o risco era muito grande. Então ele teve que lidar com isso e foi muito sensato ao dizer à Channel 4, no momento em que estava montando o projeto, que os direitos para o programa no Brasil deveriam permanecer com a Produtora *Large Door*, não para o resto do mundo, mas sim para o Brasil. Fizemos o contrato com a Channel 4, eles viram o programa, mas nós falamos: “queremos manter os direitos para o Brasil” e eles disseram: “sim, ok”. Simon cedeu os direitos de não-rádiodifusão, os direitos para exibições em público e distribuição em VHS tal... ele os cedeu para uma organização cultural cujo nome me escapa agora. Então, este foi o jeito de prevenir que a distribuição do programa fosse vetada, foi isso que Simon fez. Quando ele retornou ao Reino Unido do Brasil, foi diagnosticado com um câncer em estágio avançado e deu início à pós-produção. Então, ele concluiu a edição do filme, ficou muito doente e faleceu poucos meses depois, antes do programa ser exibido.

**RMC** – *Explique pra gente então como foi a controvérsia sobre a questão dos direitos autorais?*

**John Ellis** – O problema foi que nós usamos um trecho da lei britânica que permite que façamos citações curtas de trabalhos literários, trabalhos escritos, feitos com o propósito de realizar um comentário crítico. Naquele tempo, a Channel 4 estava tentando ampliar este direito de podermos citar trechos de livros e poemas, entre outros, para podermos utilizar citações provenientes de material audiovisual. Mais ou menos naquela época, eles foram bem sucedidos ao fazer uma citação com material do filme *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick em um programa. A Warner Brothers ameaçou processar a Channel 4, mas acabou não o fazendo. Então estávamos fazendo um arranjo mais ou menos semelhante com o material da TV Globo e pensamos: “tudo bem”. Aí a TV Globo, que tinha um escritório em Londres, começou a ameaçar que processaria a Channel 4, ameaçaram colocar a Channel 4 na justiça e por aí vai. A Channel 4 então

quis ser ainda mais precisa com o conteúdo do programa. Eles nos disseram duas coisas: primeiro, que precisaríamos atribuir créditos a cada uma das imagens que pertencessem à Globo, então nós tivemos que voltar atrás e refazer o programa, acrescentando uma legenda “propriedade da TV Globo”, que você vê no programa hoje. A segunda questão foi que eles tiveram que fazer um controle jurídico bem detalhado do programa. O problema era que Simon tinha feito a pesquisa. Simon Hartog era a pessoa que sabia as respostas para as perguntas que eles tinham, eu não sabia... Eu não tinha ido ao Brasil e não sabia quem eram as fontes para algumas das histórias. Aí a Channel 4 contratou um consultor e esse cara foi bastante inútil. Ele realmente não conseguia entender o que estavam pedindo que ele fizesse... Por exemplo, aquela questão do contrato com a NEC Corporation, ele simplesmente dizia: “bem, todo mundo sabe dessa história”. Mas “todo mundo sabe dessa história” não é exatamente algo que um advogado quer ouvir nesse contexto. Um advogado quer ouvir que uma determinada pessoa possui uma prova, ou, de forma alternativa, que este jornal publicou esta história e possui fontes e não foi processado, enfim, estes tipos de coisa. Mas aquele cara não conseguia responder aquelas perguntas... assim, demorou um longo tempo para que fossem encontradas as respostas. Basicamente, tive que fazer a pesquisa novamente porque Simon não tinha deixado suas anotações organizadas. Demorou muito tempo e a situação mudou... quando o programa estava pronto para ir ao ar, nós tivemos que atualizá-lo. Filmamos então outra entrevista para atualizar o programa e então, com tudo isso, demorou quase um ano, após a morte de Simon, para que o programa fosse exibido no Brasil. O problema foi que estávamos utilizando... fazendo uma experimentação com a lei em termos de direitos autorais. Atualmente, claro, 20 anos depois, o que fizemos é absolutamente legal. A nova lei de direitos autorais (*Copyright Act*) do Reino Unido inclui o que conhecemos como uma “negociação justa” (*Fair Dealing*), que permite que você faça uso de citações de filmes e programas de TV para fins de comentário crítico e avaliação. Agora isso está absolutamente dentro da lei. E também está na lei nos Estados Unidos e em outros lugares, então o programa pode ser exibido em vários países agora se as pessoas quiserem exibi-lo. Então, se encontramos pessoas por aí que dizem que o programa não pode ser exibido em lugar nenhum, bem, eles estão

enganados. Bem, no Brasil, é um pouco diferente... qualquer pessoa pode até se arriscar. E, de fato, muitas pessoas imediatamente começaram a se arriscar. Assim que o filme foi exibido no Reino Unido, as pessoas começaram a querer cópias. A comunidade brasileira em Londres e no resto do Reino Unido começou a enviar algumas cópias para casa, nós distribuimos cópias para que as pessoas enviassem ao Brasil, então houve toda essa exportação de cópias em VHS, foi bastante eficiente. O filme foi exibido em encontros públicos e, hoje em dia, tem grande circulação no YouTube. Há muitas versões diferentes no YouTube.

***RMC** – O senhor saberia dizer se a Globo tinha conhecimentos acerca da natureza do projeto naquele tempo? Ou se Simon sofreu alguma ameaça?*

**John Ellis** – Acho que não. Eu acho que Simon não teve muitos problemas com a Globo quando ele estava lá. Eu desconfio que... bem, a Globo não é exatamente uma empresa especializada em documentários... então, desconfio que eles provavelmente não tenham entendido muito bem o que ele estava fazendo. Talvez eles não tenham entendido o que ele estava fazendo, a repercussão e o significado que o programa teria justamente porque eles mesmos não tinham a cultura de realizar programas assim. Enfim, talvez fosse um assunto marginal... Acho que ele capturou alguns trechos dos programas gravando da própria TV enquanto ele estava no Brasil. Alguns trechos também vieram dos arquivos pessoais de gente que ele conheceu no Brasil e tal, por isso é que o material do filme é tão diversificado.

***RMC** – Nada proveniente dos arquivos da Globo então?*

**John Ellis** – Não. E além do material da Globo, o filme também conta com material das outras emissoras que foram levadas à falência.

***RMC** – E não houve então uma batalha legal...*

**John Ellis** – Não foi uma batalha legal porque havia apenas um lado. Não foi uma batalha. Foi a Channel 4 dizendo: “e aí, essa história é mesmo verdade?”. E eu tendo que dizer “bem, Simon é um ótimo jornalista, ou foi um ótimo jornalista, ele trabalhou para o programa BBC Panorama, ele sempre se certificou que suas histórias estavam corretas”. E eles respondendo: “sim, mas isso não é suficiente porque Simon não está mais aqui, então onde estão as provas?”. O desafio foi encontrar essas provas.

**RMC** – *E então coube ao senhor a responsabilidade de retomar esta pesquisa?*

**John Ellis** – Sim, porque a Channel 4 estava disposta a assumir um risco com a questão dos direitos autorais, mas não com relação a algumas daqueles alegações mais sérias... Mas, na verdade, a maioria das histórias era muito bem fundamentada pelas entrevistas. Nós tínhamos encontrado diversas pessoas que haviam tido envolvimento com aquelas histórias e estavam dispostas a nos fornecer as provas. Várias pessoas foram entrevistadas pelo programa e essas provas são mais do que suficientes.

**RMC** – *E, afinal de contas, o senhor sabe se a Globo processou a Channel 4?*

**John Ellis** – De jeito nenhum. Eles apenas fizeram muito barulho antes e um silêncio completo depois. Bem, foi um silêncio absoluto com apenas uma exceção: eles entraram em contato comigo um dia após o programa ir ao ar e disseram que queriam comprar o programa. Eu disse: “Ok, os direitos ficam por 50 mil dólares” e eles disseram “ok” e eu disse: “bem, por falar nisso, estes são apenas os direitos de exibição na televisão, os direitos que não estão ligados à radiodifusão já foram vendidos, me desculpem”. E daí nunca mais tive notícias deles. Então, eles simplesmente queriam comprar os direitos do programa para impedir que as pessoas exibissem o programa no Brasil, mas Simon tinha feito aquele acordo com a Channel 4 que prevenia que isso acontecesse. No fim das contas, a Record comprou os direitos de exibição na TV mas, de acordo com o que fui informado, eles nunca exibiram o filme. Talvez tenham apenas mostrado alguns trechos das entrevistas.

*RMC – Como foi a repercussão do filme na época? O senhor deu uma entrevista em que afirmou que ele foi produzido para um público no Reino Unido que não sabia muita coisa sobre o Brasil...*

**John Ellis** – Bem, eles ficaram sabendo depois de ver o filme (risos). O programa foi muito bem sucedido em reunir diversos fios condutores. Demorou muito tempo para que fosse editado adequadamente por esta razão. O programa foi bem recebido no Reino dentro do que se espera de um programa deste gênero... críticas positivas, as pessoas gostaram... nem sei se a Channel 4 o exibiu novamente depois daquela data... não tenho certeza...

*RMC – O senhor deve ser abordado por brasileiros para falar do filme. Alguém já sugeriu a realização de uma versão atualizada?*

**John Ellis** – Sim, claro, o filme é popular entre brasileiros e existem muitos brasileiros em Londres. Mas será que existe tanta coisa assim para atualizar? (risos). Acho que alguém no Brasil deveria abraçar esse projeto agora.

*RMC – O senhor também já havia afirmado que deveriam existir mais narrativas sobre essa história. Será que as pessoas têm medo de enfrentar a Globo?*

**John Ellis** – Não sei... Bem, o fato é que se você trabalha na mídia brasileira, é mesmo difícil evitar a Globo. Ou então você pode trabalhar para outras pessoas que talvez também tenham uma agenda...

*RMC – O senhor também já se pronunciou sobre a ausência de um setor público na radiodifusão brasileira. Será que existe esperança para um cenário midiático mais democrático no Brasil?*



**John Ellis** – A situação agora é diferente porque temos diversos tipos de oportunidades na mídia. De uma certa forma, o que estamos vendo no Reino Unido é um colapso na confiança na mídia tradicional e o setor de radiodifusão pública depende justamente da confiança, depende de um contrato de confiança. Temos visto diversas tentativas de desacreditar a BBC e as notícias da BBC. Vivenciamos agora uma campanha realmente desagradável sobre se deveríamos sair da União Europeia ou não. Um dos ministros do governo chegou a dizer: “quem precisa de especialistas?”. Basicamente, com isso, afirma-se que qualquer coisa pode ser dita sem que nenhuma responsabilidade seja assumida. Foi basicamente isso que as pessoas que fizeram campanha para nos retirar da União Europeia fizeram: eles mentiram. Então, temos agora um ambiente midiático em que está mais fácil para as pessoas ouvirem o que querem ouvir e em que está mais fácil para as pessoas falarem coisas que não são verdadeiras e não precisarem ser responsabilizadas por isso. As coisas mudaram. Pode ser que a mídia pública não mais represente a solução correta para este ambiente. Há uma solução mais internacional... há um tipo de aliança de cooperação para investigações mais sérias entre o jornal *The Guardian*, neste país, com o jornal *New York Times* e com vários outros jornais globais. Este tipo de jornalismo entre meios liberais e a habilidade de utilizar o que pode ser dito em um país e não pode ser dito em outro país talvez represente o futuro. Com o filme *Além do Cidadão Kane* também é assim: na Grã-Bretanha, por diversos motivos, nós fomos capazes de realizar um programa que as pessoas não poderiam realizar no Brasil. Mesmo assim, o programa pôde chegar no Brasil. Talvez estas sejam as soluções para o futuro: utilizar o alcance internacional da internet para poder oferecer diversos tipos diferentes de jornalismo.... isso solucionaria a questão da informação, mas... no que as pessoas acreditam e em quem elas acreditam ... tudo isso está sendo remodelado. Ainda estamos em estágios iniciais. Estávamos acostumados a acreditar na televisão por muito tempo.

**RMC** – *O senhor acredita que possa haver uma maior democratização da comunicação no Brasil?*

**John Ellis** – Eu não acho que esta expressão seja muito útil. Afinal, o que significa democratizar a mídia? Em primeiro lugar, significa permitir que as pessoas tenham voz. Bem, a internet tem permitido que as pessoas tenham voz. Qualquer pessoa pode “tuitar”... isso apenas significa que existem muitas vozes, sabe, mas pelo menos algumas coisas que não eram ditas antes estão sendo ditas agora. Algumas dessas coisas são boas, mas muitas delas não são nada boas. Uma mídia democrática também é uma mídia em que as pessoas xingam, se insultam, se intimidam e por aí vai. E, claro, esse não é um resultado muito positivo, então talvez o ter voz seja algo um tanto difícil. O segundo aspecto é que uma mídia democrática precisa ser uma mídia que consegue filtrar essas vozes e passar algum tipo de visão geral e isso é algo que devemos aspirar. Esta mídia tem que ser confiável e ter uma certa autoridade. O seu próprio conceito precisa funcionar, ou seja, precisa haver um número suficiente de pessoas que querem que a mídia seja democrática para que ela seja bem sucedida em termos econômicos e termos de ideias e isso é bem mais difícil. O terceiro aspecto diz respeito à propriedade da mídia. Quando você fala da democratização da mídia talvez esteja se referindo a uma democratização da propriedade da mídia. Talvez a saída seja que os próprios jornalistas sejam os donos da mídia, se eles tiverem uma ética. Sei que já houve algumas tentativas neste sentido. Geralmente, eles encontram alguns problemas com relação a como trabalhar e se organizar internamente. Que tipo de administração devem adotar? De onde virá o financiamento? Mas estas questões me parecem mais fáceis de serem solucionadas.

*RMC – Porque o próprio conceito de democracia é bastante complexo...*

**John Ellis** – Pois é, acabamos de ter um exemplo terrível, o referendo. Se você coloca um referendo no meio de uma democracia representativa, como acabamos de fazer, o resultado é bastante ambíguo porque foi a primeira vez que perguntaram às pessoas sobre o que elas estavam pensando. E sabe o que elas estavam pensando? Bem, elas estão realmente chateadas, então a questão sobre a qual elas estão sendo consultadas talvez não fosse exatamente a questão que elas estavam respondendo. As pessoas

estavam muito chateadas e, de repente, tiveram a oportunidade de expressar isso: “Você quer mesmo saber o que eu penso e como eu estou me sentindo? Estou muito chateado”.

*RMC – Por que as pessoas estão tão chateadas?*

**John Ellis** – Bem, elas estão chateadas porque, em termos econômicos, elas estão em uma situação pior do que há dez anos atrás. Neste aspecto, as coisas têm sido difíceis: os ricos têm ficado cada vez mais ricos e os pobres não estão ficando nem um pouco mais ricos. Faltam oportunidades para os filhos dessas pessoas e a sociedade passou por muitas mudanças. As comunidades têm sido remodeladas pela imigração, algo que as pessoas não têm lidado muito bem, enfim, todas essas coisas, todas ao mesmo tempo. E daí eles fazem uma pergunta cuja resposta é apenas “sim” ou “não”. Um jornalista disse, na verdade, essa é uma expressão em inglês, faça uma pergunta boba e você vai receber uma resposta boba. Por que fizeram esta pergunta? Por razões políticas contingentes dentro do Partido Conservador e eles realmente não estavam esperando esta resposta.

*RMC – Quais as consequências da saída do Reino Unido da União Europeia para os acadêmicos britânicos? O senhor estava envolvido no Projeto de Pesquisa EU Screen, por exemplo.*

**John Ellis** – É... e o projeto já terminou. Mas o projeto em que estou trabalhando agora também está sendo financiado pelo Conselho de Pesquisa Europeu (*European Research Council*). Esta pergunta é uma pergunta difícil porque a participação em projetos europeus de pesquisa é baseada no princípio do movimento livre entre pessoas, que é, justamente, uma das coisas que as pessoas disseram, neste referendo, que não querem mais. No projeto EU Screen, tínhamos acesso aos arquivos de um parceiro que estava localizado na Suíça. Aí a Suíça fez um referendo, eles sempre fazem referendos, e o referendo rejeitou a ideia do livre movimento entre pessoas. Com isso, a Suíça não pôde mais participar de projetos europeus de pesquisa, eles não puderam mais se envolver no Projeto EU Screen e não puderam mais conseguir financiamento. Enfim, há esse

problema. Já estamos vendo casos de pessoas que estão organizando grandes projetos de pesquisas e cientistas que estão sendo convidados a não mais levar esses projetos adiante porque se você perder o líder do seu projeto, seu projeto está terminado. Se eu morrer, minha bolsa de pesquisa morre comigo, sempre digo isso ao meu grupo de pesquisadores. É do interesse deles me manter vivo (risos). Mas, nós realmente ainda não sabemos e, de fato, nem sabemos ainda se vamos mesmo sair da União Europeia...Muitas coisas podem acontecer, isso é política. Bem, se como consequência desta surpresa, a União Europeia se modificar, algo que é possível, será legítimo que quase metade do país que votou para o Reino Unido ficar na União Europeia diga: “esperem um minuto, vamos fazer essa votação novamente e fazer isso de um jeito diferente agora porque a situação mudou”. Além disso, a quantidade de trabalho envolvido é colossal. São 40 anos de legislação, sabe... Nós fizemos parte desta coisa chamada União Europeia por 40 anos. Toda a legislação ambiental que está em curso no Reino Unido é a legislação europeia. Imagine ter que refazer tudo isso...

***RMC** – O senhor mencionou que tem acompanhado um pouco os recentes acontecimentos políticos do Brasil. “Muito Além do Cidadão Kane” fala do impeachment do Presidente Collor. Qual sua opinião sobre a questão do impeachment da Presidenta Dilma?*

**John Ellis** – O problema é justamente que tendo feito isso uma vez, é possível fazer novamente... Foi isso que aconteceu. Mas, pelo que vi, já na primeira semana um membro do novo governo teve que sair do cargo por conta de alegações de corrupção. Isso é uma tragédia: um golpe de Estado constitucional.

***RMC** – A ironia é que a TV Globo tem sido acusada de estar sendo conivente com o golpe. Ou seja, parece que muita coisa do cenário midiático mostrado no filme “Muito Além do Cidadão Kane” continua igual. Quando fez o filme, será que Simon Hartog sabia que ele seria oportuno e significativo por tanto tempo?*

**John Ellis** – É um filme histórico, mas isso é deprimente. Quando você realiza um programa assim, você fica de alguma forma torcendo para que ele fique logo datado. Quando realizamos os chamados programas sobre assuntos atuais, nosso objetivo, neste sentido, geralmente, é modificar a realidade. É uma tragédia porque até mesmo o Partido dos Trabalhadores acabou deixando a Globo intacta. Acho que isso acontece no Brasil e em outros lugares porque rapidamente os partidos passam a depender demasiadamente das empresas de mídia existentes. Afinal, você precisa passar uma mensagem para o público. Você então começa a compreender o que deve fazer para que a mídia trabalhe para você, mesmo que só até um certo ponto. Daí a ideia de reformar a mídia não se torna mais tão importante. Nossa mídia (no Reino Unido) é um pouco mais diversificada, acho. Com a nossa mídia britânica, foi interessante ver que a ideia de isenção e equilíbrio da BBC acabou se tornando um grande problema com o referendo. Nós tivemos acesso a muitas informações e dados econômicos. Tínhamos lideranças mundiais dizendo: “não façam isso, não façam isso, não façam isso” (sair da União Europeia). Por causa desta ideia de equilíbrio, cada vez que isso era noticiado, a BBC tinha que encontrar alguém que representasse o outro lado do argumento e dizer: “que nada, o que ele estão dizendo é um monte de lixo”. Então, rapidamente, a cobertura ficou assim: de um lado, você tinha Christine Lagarde afirmando que a Grã-Bretanha entraria em recessão. Daí aparecia o cara que tem uma lojinha de conveniências, que era a favor de sair da União Europeia para dizer: “não acho”. Em termos de autoridade para saber do que estavam falando, era bastante desigual, sabe? Isso diminuiu a autoridade e desvalorizou a cobertura da BBC. O ápice foi o Michael Gove dizendo: “Para que especialistas? Nós não precisamos de especialistas, sabemos o que estamos sentindo”. Isso é o pior tipo de populismo de direita que a gente pode encontrar. Muitas pessoas reagiram dizendo: queremos fatos, precisamos de fatos, precisamos de uma cobertura com autoridade sobre o que está sendo afirmado. E mais: a pergunta do referendo somente permitia as respostas “sim” ou “não”. Com isso, foram excluídas todas as pessoas que queriam responder: “sim, mas”... “é melhor continuar na União Europeia porque talvez possamos reformá-la”, ou “a União Europeia não está funcionando

adequadamente no momento, mas podemos propor reformas.” Todas essas vozes que traziam mais nuances foram removidas pelo “sim” ou “não”.

*RMC – O senhor é um acadêmico e também produtor de TV. Como vem desenvolvendo essas trajetórias em paralelo?*

**John Ellis** – Eu me tornei acadêmico primeiro. Em 1982, publiquei meu primeiro livro, que foi fruto de eu ter ficado falando sobre cinema por quatro anos e pensando sobre televisão. O livro foi publicado mais ou menos na mesma época que meu primeiro programa. Como me tornei um produtor? Tive sorte. Isso aconteceu em um momento histórico que foi o da criação da Channel 4. Definitivamente, eu não poderia ter feito isso antes, teria sido muito mais difícil. Estávamos nos anos 1980 e o Channel 4 era um canal de TV diferente, muito mais radical e muito mais comprometido com os pequenos fornecedores. O setor independente agora é representado por grandes empresas, ocorreu um processo de grande consolidação em nível internacional.

*RMC – Ainda restou alguma coisa do projeto original da Channel 4 dos anos 1980?*

**John Ellis** – Um pouco... ainda há um pouco da disposição em assumir risco e produzir projetos ultrajantes...

*RMC – Será que um projeto como o que originou “Muito Além do Cidadão Kane” seria levado adiante hoje em dia?*

**John Ellis** – Não. Se tivéssemos que fazer o filme hoje... teríamos que passar três anos levantando o dinheiro necessário para realizar o filme e teríamos que produzi-lo como uma filme teatral. Seria duro conseguir o financiamento... talvez com financiamento europeu para documentários (risos)... na verdade, seria realmente difícil...

*RMC – O senhor poderia nos explicar um pouco mais sobre seu projeto de pesquisa atual, o ADAPT (Adoption of New Technological Arrays in the Production of Broadcast Television)?*

**John Ellis** – Quando montei o projeto, pensei: este é um projeto incrivelmente simples. Estamos rapidamente nos esquecendo sobre como a televisão analógica era feita. As pessoas envolvidas na produção de TV analógica estão morrendo, o equipamento utilizado também e por aí vai. A ideia era capturar as sucessivas fases de produção e como a produção analógica se dava e como se deu a transição para o digital. Estamos tentando fazer isso através dos meios convencionais de investigação, examinando a literatura especializada, escrevendo artigos, escrevendo livros, mas também realizando uma reconstrução, o que estamos chamando de Simulações. Estamos reunindo os equipamentos antigos com as pessoas que costumavam usá-los, e fazendo com que essas pessoas usem os equipamentos novamente. Estamos filmando tudo isso em detalhe com o objetivo de ver como as pessoas e os equipamentos trabalham juntos e de identificar as competências que as pessoas têm em suas mãos, em seus corpos. Assim, podemos demonstrar a imensa dificuldade que existia na captura de imagem e som. Hoje, isso é relativamente fácil, mas, certamente, não era esse o caso, o que determina todo o conteúdo histórico que possuímos. Estamos trabalhando com uma equipe de seis ou sete pessoas. Temos dois estudantes de doutorado, um pesquisador pós-doc, um produtor digital que trabalha em meio-período, eu, também em meio-período, um administrador que trabalha dois dias por semana. Também temos um projeto sobre mídias sociais com Niki Strange e James Bennet. O projeto analisa a maneira em que as equipes de produção utilizam as mídias sociais, as aplicações terceirizadas que estão envolvidas no processo de produção e como os produtores têm incorporado a presença das mídias sociais nos programas no processo de produção. Em resumo, estamos estudando as maneiras em que as mídias sociais modificam a produção. O projeto vem sendo realizado há três anos e vai durar mais dois anos, até o fim de julho de 2018. Além disso, realizamos um congresso com base no conceito de “história com a mão na massa”, que foi muito interessante. Estamos organizando um livro com os textos do

congresso. Várias pessoas apresentam projetos muito interessantes que envolvem vários tipos de tecnologia.

***RMC** – E a última pergunta: é bem comum que os estudantes brasileiros de comunicação, jornalismo ou mídia assistam ao documentário “Muito Além do Cidadão Kane” em seu primeiro ou segundo semestre da universidade. Que conselho o senhor daria a eles, especialmente para aqueles que pretendem trabalhar com jornalismo investigativo?*

**John Ellis** – Paguem para assistir o filme... (risos)... brincadeira. O conselho é um conselho que dou aos alunos das universidades: não é fácil, não é rápido. Você precisa investir o seu tempo, saber lidar com a frustração. Não acredite em ninguém. De verdade, não acredite em ninguém, nem nas pessoas em quem você quer acreditar, não acredite nem neles.

***RMC** – Investigue...*

**John Ellis** – isso. O que alguém está dizendo... bem, talvez essa pessoa tenha alguma razão para estar dizendo aquilo. Talvez eles estejam lhe dizendo o que você quer ouvir e talvez você tenha que ir perguntar a outras pessoas e encontrar coisas por escrito, coisas em arquivos, são incríveis algumas coisas que as pessoas diziam em entrevistas, diziam em frente às câmeras... busque novas fontes, seja internacional, aprenda línguas.